
Mídia e incêndios florestais na Chapada Diamantina

Gislene MOREIRA Gomes

Gislene.moreira@flacso.edu.mx

Diosvaldo Pereira NOVAIS FILHO

diosvaldopereira@gmail.com

Resumo: O estudo *Mídia e incêndios florestais na Chapada Diamantina* é o ponto de partida para discutir como os meios e a sociedade brasileira percebem e enfrentam os efeitos mais evidentes da crise ambiental contemporânea. A análise da cobertura midiática sobre o fogo que consumiu as unidades de conservação da Chapada Diamantina em 2015 foi construída a partir da classificação de 145 matérias publicadas em 13 veículos e do debate dos resultados com atores estratégicos locais. Desde a Economia Política da Comunicação, foi feita uma análise crítica sobre o papel do jornalismo ambiental na “ecotragédia” da Chapada Diamantina. A ideia é perceber os limites e possibilidades da comunicação ambiental, inserida nos modos de produção e consumo midiático, como alternativa à crise climática desde o olhar da periferia do capitalismo.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental; Análise de Mídia; Incêndios Florestais; Chapada Diamantina; Economia Política da Comunicação.

Resumen: El estudio *Los medios y los incendios forestales en la Chapada Diamantina* es el punto de partida para analizar cómo la media y la sociedad brasileña perciben y enfrentan a los efectos más evidentes de la crisis ambiental contemporánea. El análisis de la cobertura mediática del fuego que consumió a las unidades de conservación de la Chapada Diamantina en 2015 se construyó desde la clasificación de 145 artículos publicados en 13 periódicos y del debate de los datos con los actores estratégicos. Desde la Economía Política de la Comunicación se produce un análisis crítico a cerca de del rol del periodismo ambiental en la "ecotragédia" de Chapada Diamantina. La idea es percibir los límites y posibilidades de la comunicación ambiental, inserta en los modos de producción y consumo midiático, como alternativa a la crisis climática en las periferias capitalistas.

Palabras-clave: Periodismo Ambiental. Análise de Medios. Incendios Forestales. Chapada Diamantina. Economía Política de la Comunicación.

Abstract: The study *Forest Media and Fires in the Chapada Diamantina* is the starting point to discuss how media and the Brazilian society perceive the most evident effects

of the contemporary environmental crisis. The analysis of the media coverage of fire that consumed the Chapada Diamantina conservation units in 2015 was constructed with the classification of 145 published material in 13 journals and with the perception of strategic actors provoked by debates tematics. The interpretation was generate with critical analysis from the Political Economy of the Communication about the structure of the observed means. This case study on environmental journalism in the Chapada Diamantina discus the communication practice in the climate crisis as a historical product permeated by economic and power relations, and provokes the bets on environmental communication as the main alternative for the environmental crisis.

Key words: Environmental Journalism. Media Analysis. Forest Fires. Chapada Diamantina. Political Economy of Communication.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa a cobertura midiática nos incêndios florestais na Chapada Diamantina – Bahia, entendendo que a crise ambiental tem também uma dimensão cultural e comunicativa. A mídia aparece como vitrine privilegiada de compreensão e expressão de uma crise que é civilizacional, a qual atinge os domínios da comunicação.

Diversas abordagens teóricas, tentam abordar a questão a exemplo de Castells (2001) e Cox (2010). No Brasil, vem se fixando os conceitos de jornalismo ambiental (Vilar, 1997; Colombo 2010), comunicação ambiental (Bueno, 2007 e Lima, 2014) e educomunicação ambiental (Berna, 2010). Em comum, estes estudos apostam na mídia como aliada estratégica de superação da crise ecológica. A partir dos debates temáticos desde a Economia Política da Comunicação (Leff, 2006), este trabalho tenta abordar mais criticamente a relação entre as lógicas de produção midiática e as questões climáticas. Para isso, elegeu a Chapada Diamantina, situada na periferia das notícias, como estudo de caso.

Na Chapada Diamantina, região de elevado interesse ambiental localizada no centro geográfico da Bahia, os incêndios florestais são a expressão mais visível da crise ambiental. E apesar dos registros históricos de constantes queimadas, elas têm se acentuado nos últimos anos, e as de 2015 foram anunciadas como a maior de todos os tempos.

Dos 24 municípios do Território Chapada, 19 decretaram estado de emergência. Entre setembro e dezembro foram registrados mais de 18 mil focos, com cerca de 51 mil

hectares devastados. A maioria no Parque Nacional, a mais relevante das 11 unidades de conservação¹ da região.

Desde o final dos anos 90, a Chapada Diamantina têm registrado alguns dos mais alarmantes números de focos e prejuízos ambientais do país. (Brito, 2005; INPE; IBAMA/Prevfogo, 2009). Para conter o problema, o Estado vem criando estratégias de combate, como o Programa Bahia Sem Fogo (2007) do Governo da Bahia, o banco de dados georreferenciados do Sistema Nacional de Informações sobre Fogo (SisFogo/2002), e o Prevfogo (2008), do Governo Federal.

No entanto, essas respostas ainda foram insuficientes e os incêndios na Chapada Diamantina se repetem como tragédias anunciadas. Em relatório técnico de 1996, a chefia do Parna-CD já falava na necessidade de um programa efetivo de combate a incêndios (Brito, 2005, 193). Mas em 2015, continuou prevalecendo a falta de ações coordenadas e planejadas na erradicação do fogo.

A omissão do Estado na prevenção e combate permitiu que os incêndios fossem muito mais longos, havendo grandes zonas em chamas durante quase todo o período de estiagem, que começou em agosto e se estendeu até janeiro de 2016. E elas se alastraram para além das unidades de conservação, ameaçando outros biomas não preservados, empreendimentos vultuosos e áreas povoadas, como o Vale do Capão, Iगतú, Campos São João, Lençóis e Ibicoara. Neste cenário, foram muitos os atores e interesses envolvidos, os quais disputaram e se refletiram na produção de notícia em análise.

A análise se concentrou primeiramente no registro e classificação da produção jornalística. Foram selecionadas 145 matérias do período de no período de setembro a dezembro de 2015 e janeiro de 2016. Elas foram produzidas por 13 veículos impressos e virtuais², sendo 01 impresso local (Correio de Lençóis), 01 blog regional (Jornal da Chapada), 01 impresso estadual (Jornal A Tarde), 02 portais estaduais (A Tarde e Correio da Bahia), 04 portais nacionais (Época, G1, Uol, Terra), 01 correspondente internacional (BBC), 02 agências da rede pública (Agência Brasil e Agência Rádio Nacional) e 01 veículo de segmento turístico (Guia Chapada).

¹ APA Marimbus-Iraquara, APA Serra do Barbado, ARIE Rio de Contas, e parques municipais da Muritiba em Lençóis, do Espalhado em Ibicoara, Pai Inácio e Riachinho em Palmeiras, o Parque municipal de Mucugê, o parque estadual de Morro do Chapéu e o recém-criado Parque Municipal Rota das Cachoeiras em Andaraí.

² A opção metodológica deste estudo foi classificar todas as reportagens que traziam como palavras-chave Chapada Diamantina e fogo/incêndio, utilizando como ferramenta o maior buscador de internet (Google). Diante da imensidão deste universo (mais de 30 mil publicações no mundo virtual), foram selecionados os veículos notoriamente jornalísticos como instrumentos de análise.

As reportagens foram identificadas a partir de um universo de mais de 30.000 dados encontrados na rede mundial de computadores, observando o cumprimento de critérios mínimos de noticiabilidade, e a posição de liderança do veículo e/ou a referência da mídia para seu segmento³. Todos eles foram analisados a partir de perguntas orientadoras sobre formato, fontes, foco e imagem, que geraram uma tipologia de classificação⁴ comum aos impressos e eletrônicos⁵.

Seguindo uma metodologia de pesquisa-ação participativa, os números e gráficos construídos foram apresentados aos atores envolvidos⁶, como brigadistas, técnicos e gestores ambientais, além de jornalistas da área. Eles questionaram desde o significado de Chapada Diamantina na mídia ao impacto dos incêndios no ecossistema, e assim ajudaram a aprofundar e ampliar o diagnóstico deste estudo a partir da leitura crítica dos protagonistas do processo.

HISTÓRICO

A preocupação da mídia com as questões ambientais na Chapada Diamantina é recente e surgiu da ação de movimentos ambientalistas, como o S.O.S Chapada e o Avante Lençóis, que nos anos 90 criaram estratégias de comunicação alternativa para denunciar o garimpo mecanizado e as carvoarias que circundavam o Parque Nacional, criado em 1985. (Brito, 2005, 174).

A partir dos anos 2000, as notícias passaram a destacar especificamente os problemas com o fogo na região. E na busca por essa memória, este estudo identificou algumas reportagens disponíveis na rede mundial de computadores. Foram encontradas 15 reportagens em veículos nacionais entre os anos de 2008 e 2013. Como era apenas

³ O Portal Guia Chapada, por exemplo, é um portal turístico, especializado em turismo sobre a região, que conta com uma sessão de notícias produzidas por uma equipe de jornalistas que moram em Lençóis. Em 2015 a página contou com mais 520 mil acessos.

⁴ Foi usada a mesma tipologia para a mídia impressa e virtual, por entender que apesar das especificidades os textos mantêm estruturas similares. No entanto, ressaltamos que estivemos atentos às diferentes condições de produção, como a velocidade, e as facilidades de reprodução e baixo custo da mídia “nas nuvens”, e à irregularidade da distribuição dos exemplares do impresso no interior do estado.

⁵ A mídia impressa, com sua base de reprodução em papel, tem uma plataforma limitada. No entanto, ela continua sendo relevante pela sua visibilidade política. Por isso a opção de trabalhar com os dois modelos, apesar de reconhecermos que perdemos alguns exemplares devido a questões de distribuição e transporte.

⁶ O primeiro debate aconteceu na UNEB Seabra em maio de 2015, reunindo mais de 15 atores, entre representantes do ICMBio, Inema, brigadistas, entre outros. O segundo foi na reunião do Conselho da Arie Rio de Contas, em Piatã, em junho deste mesmo ano, ampliando o debate junto a municípios mais afastados do entorno do Parna. Em setembro, discutiu-se o tema com brigadistas envolvidos na elaboração do I Plano de Contingência a Incêndios na CD. Vários jornalistas e fotógrafos que assinaram as matérias também foram contatados por e-mail e/ou telefone em entrevistas semiestruturadas. E em dezembro os dados foram apresentados para ambientalistas e militantes no III Simpósio Estadual de Agroecologia realizado pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), em Seabra.

um exercício ilustrativo, concentramos esta pesquisa histórica no universo virtual do G1⁷.

A primeira reportagem encontrada foi de 2008, quando o G1 anunciou “Fogo destrói região da Chapada Diamantina na Bahia”⁸ e “Incêndio na Chapada Diamantina pode acabar com espécies raras de plantas”⁹. Ambas evidenciaram o problema ambiental na região, pautando o assunto em rede nacional. Segundo o PrevFogo (2009, 2010), o ano de 2008 foi um marco dos incêndios na Chapada Diamantina. Além de ter sido a maior tragédia ambiental da região da década passada, ele foi acompanhado pelas respostas do poder público na criação de programas de combate, como o próprio PrevFogo.

Em 2012, a chamada foi “Órgãos ambientais traçam ações contra incêndio na Chapada Diamantina”¹⁰, inserindo o tema da necessidade de políticas articuladas de combate. E no ano de 2013, a manchete “Incêndio na Chapada Diamantina quase atinge o Morrao, diz brigadista”¹¹ trouxe como grande novidade a voz dos voluntários no combate, evidenciando a pluralidade de atores e os conflitos envolvidos.

As imagens deste período também destacam essas mudanças de perfil:

Figura 1



12

Figura 2



13

Em 2008, a pauta colocou o fogo na Chapada Diamantina na agenda pública, e a foto 1 destaca as precárias ações de combate. Em 2013, o destaque é para as ações dos órgãos ambientais, visibilizados na imagem 2 que destaca o uso de aviões como

⁷ O veículo aparece em nossos dados como o líder do ranking de matérias sobre o fogo na Chapada.

⁸ <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL855676-5598,00-FOGO+DESTROI+REGIAO+DA+CHAPADA+DIAMANTINA+NA+BAHIA.html>

⁹ <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL861674-5598,00-INCENDIO+NA+CHAPADA+DIAMANTINA+PODE+ACABAR+COM+ESPECIES+RARAS+DE+PLANTAS.html>

¹⁰ <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/09/orgaos-ambientais-tracam-acoes-contraincendio-na-chapada-diamantina.html>

¹¹ <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2013/01/incendio-na-chapada-diamantina-quase-atinge-o-morrao-diz-brigadista.html>

¹² http://sotao73chapadadiamantina.blogspot.com.br/2008_11_01_archive.html

¹³ <http://www.blogdaresenhageral.com.br/incendio-na-chapada-diamantina-preocupa-populacao-e-governo-do-estado/#more-134978>

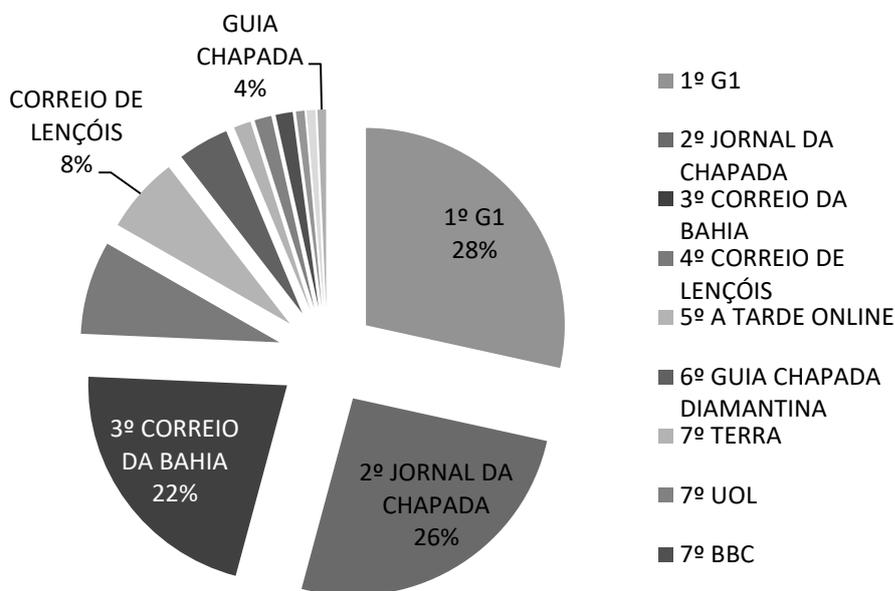
respostas às críticas da sociedade civil. Do ano de 2013, a voz dissidente dos brigadistas voluntários não foi registrada imagetivamente.

A COBERTURA DA TRAGÉDIA

A análise da mídia nos incêndios de 2015 se concentrou em categorias de classificação dos dados das 145 matérias publicadas por 13 veículos no período de setembro de 2015 a janeiro de 2016.

O primeiro aspecto analisado foi quantitativo, fixado na contagem dos textos produzidos por cada jornal observado. O resultando foi um ranking quantitativo que destaca a liderança do portal G1, respondendo por 28% das reportagens, sendo logo seguido pelo blog regional Portal da Chapada (26%) e pelo portal do Correio da Bahia (22%). Como o G1 e o Correio da Bahia representam um mesmo conglomerado midiático, e se retroalimentam, pode-se constatar que o Grupo Globo de Comunicações foi responsável por metade das notícias sobre o fogo na Chapada Diamantina, evidenciando o poder, o alcance e o impacto dos oligopólios midiáticos também em temas ambientais.

Figura 3 – Ranking da produção noticiosa



Fonte: Elaboração própria

O dado reintera quantitativamente a vantagem da produção virtual sobre os impressos, mas também a crise econômica do jornalismo, provocada pela digitalização.

Este processo de reestruturação do setor vem acompanhado pela precarização do trabalho jornalístico, demissões, e o comprometido da produção noticiosa (Bolaño, 2009). Em termos práticos, isso se revela, por exemplo, no enorme percentual de matérias replicadas no caso do fogo na Chapada. Em uma abordagem mais qualitativa, se identificou que poucas dessas reportagens tinham conteúdo exclusivo.

Essa reestruturação do setor impactou diretamente na produção noticiosa no interior, com a extinção dos cadernos/correspondentes regionais. Isso se evidencia na tímida cobertura do Jornal A Tarde (5º lugar em sua versão virtual e último na versão impressa), que por décadas foi o principal veículo baiano, mas vive uma grave crise econômica.

Mas essa redefinição do mercado pode ser lida como uma brecha para a mídia independente, como o destaque ao regional Portal da Chapada, que assumiu a 2º posição. O jornalista responsável pelo blog conta dos desafios dessa produção:

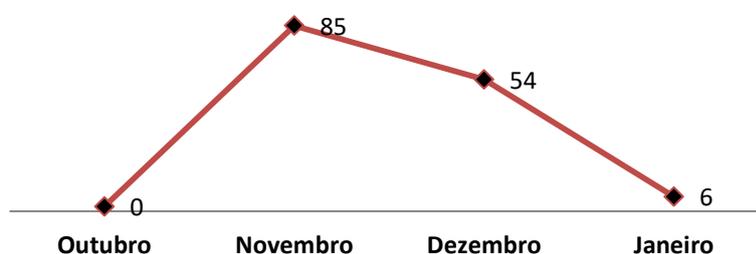
“Ninguém estava publicando sobre o fogo, só a gente. Mas era complicado, porque o INEMA, os bombeiros... se recusavam a nos passar informação. Diziam que não éramos imprensa. Quando os outros jornais começaram a reproduzir o que a gente falava, aí a coisa foi mudando”. Depoimento de Vitor Alves de Fernandes, do Portal da Chapada.

CHAPADAS INVISÍVEIS

A Chapada Diamantina nasceu comercialmente ligada ao mercado internacional pela extração mineral rara. Mas nem essa origem, nem a notoriedade dos seus atrativos turísticos, nem a magnitude da ameaça à biodiversidade foram suficientes para projetar as queimadas de 2015 com destaque nos meios massivos nacionais ou nas agências globais.

Os veículos foram clipados nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2015, e janeiro de 2016. Mas o período auge dos incêndios da Chapada Diamantina foi em novembro, e o assunto dividiu a *agenda setting* com os ataques terroristas em Paris (13.11.15), e a repercussão do desastre ambiental de Mariana/MG (05.11.15).

Figura 4 – o período

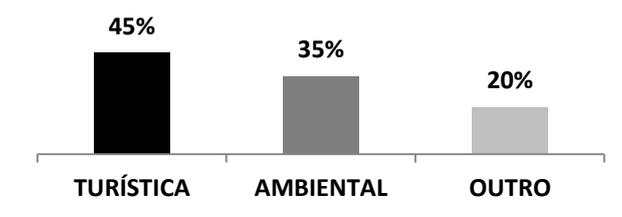


Diante de tantas outras tragédias com maior apelo, a Chapada Diamantina não preencheu os requisitos de noticiabilidade jornalísticas. Primeiro por ser um fato cíclico, o que lhe quita notoriedade do inédito; segundo, mas não menos importante, porque se situa na periferia dos interesses dos grandes conglomerados midiáticos. No nível internacional, apenas a atenção uma agência estrangeira, a BBC, produziu uma reportagem publicada pelo correspondente brasileiro. No cenário nacional, apesar do episódio ter repercutido minimamente, os atores também tiveram a sensação de invisibilidade pela falta de projeção nos meios massivos, principalmente pela tímida abordagem na Rede Globo de Televisão.

Esse sentimento fica evidente no depoimento de Sirlene, da Câmara Técnica de Meio Ambiente do Conselho Territorial da Chapada: “*A gente ligava a TV e não tinha nada sobre o que estava acontecendo aqui. Só tinha notícias de Paris*”.

Mas quando apareceu na mídia, os atores também questionaram que Chapada era essa. Foi então criada uma categoria para identificar o conceito de Chapada Diamantina utilizado pelos veículos, observando as áreas priorizadas na cobertura. Elas foram segmentadas entre turística, ambiental e outros (território de identidade, agropólo, localidades externas, etc.).

Figura 5 – Conceito de Chapada Diamantina



Fonte: Elaboração própria

A categoria confirmou a impressão de que a Chapada Diamantina é definida mais como destino turístico (45%), priorizando os atrativos de Lençóis, Mucugê e Vale

do Capão com maior visibilidade e projeção midiática. Logo em seguida, é confundida com as questões ambientais, como se toda ela fosse apenas o Parque Nacional (35%). Para os atores envolvidos, essa reprodução é um perigo, pois inviabiliza a tragédia na maior parte do território:

“Na APA Serra do Barbado, o fogo começou em agosto e nunca foi noticiado. Só quando atingiu Lençóis é que a mídia se deu conta. O pior é que depois as autoridades acabam priorizando os lugares que saem na imprensa e a sociedade ignora o que está acontecendo de fato. Analisa Ângela Sena, técnica ambiental do INEMA.

Esta disputa pela atenção da mídia e do poder público ficou ainda mais evidente na invisibilidade do fogo nas imediações de Seabra. A cidade é considerada a capital administrativa e o principal centro comercial de toda a Chapada Diamantina, mas não foi citada em nenhuma notícia analisada. Para Iago Aquino, correspondente da Mídia Ninja, *a mídia e as autoridades só se preocuparam com o Parque e Lençóis, tudo que saia do roteiro turístico poderia queimar à vontade.*

Mas enquanto alguns reclamavam da pouca ou nula exposição na mídia, outros se preocuparam com o impacto negativo das notícias na Chapada Turística. O apelo da “marca” Chapada Diamantina foi tanto que na tentativa de conseguir maior notoriedade, até o incêndio em Jacobina, há cerca de 300 km de Lençóis, foi noticiado como sendo na zona. Essa chapada em chamas repercutiu na economia regional, com o cancelamento de voos e pacotes de viagem, e uma taxa de ocupação quase nula nos hotéis e pousadas, o que demandou uma ação do trade turístico.

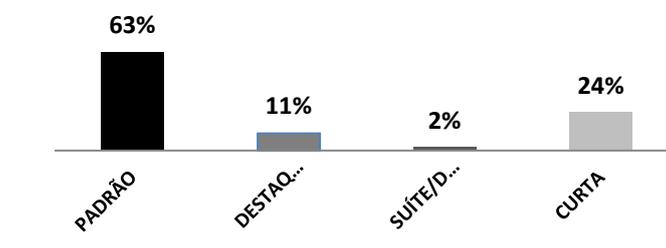
“O Guia foi o único canal a dizer pro turista que os principais destinos não estavam pegando fogo. O trade tava tão desorientado que no dia que eu soube que o Zé Raimundo tava aqui pra cobrir os incêndios pro Jornal Nacional, eu fui lá e peguei ele pelo braço. Trouxe ele aqui na agência e pedi pra ele falar pelo menos uma frase minimizando o impacto negativos no turismo da região”. Fala de Branca Pires, da Flora Comunicação, produtora do Guia Chapada.

NOTÍCIAS SEM NOVIDADE

A análise tentou também criar critérios de análise mais qualitativos, e para isso segmentou as matérias publicadas quanto ao formato¹⁴ do texto (texto padrão, chamada de capa, suíte e curta), buscando perceber a relevância, a projeção e o nível de prioridade dados ao tema no corpo do veículo.

¹⁴ *Texto padrão*: Texto base do jornalismo, com dados informativos básicos chamados de lead, no jargão jornalístico. Em média, tem 30 linhas. *Com chamada/destaque capa*: No formato virtual, anuncia o texto com destaque na página principal do portal por mais de 24 horas. No impresso, é matéria de capa. *Suíte*: Desdobramento de uma reportagem anterior, normalmente complementando os dados ou atualizando as notícias de forma contextualizada. *Curta*: No virtual e no impresso, texto de cerca de 10 linhas, sem foto. Editoriais e artigos de opinião porque eles não existiram em todo o universo pesquisado.

Figura 6 – O formato

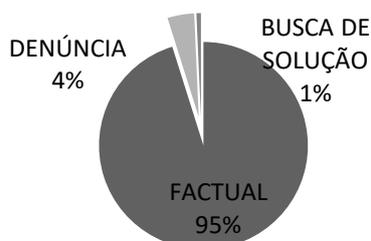


Fonte: Elaboração própria

Os dados confirmaram a sensação anterior de que os textos não ocuparam espaços privilegiados na mídia, principalmente nos veículos de maior projeção e estrutura. As notícias sobre a Chapada estiveram longe das capas e tampouco foram priorizadas por editorias especializadas no jornalismo ambiental, ocupando espaço de pouco prestígio. No mundo virtual, quando ocuparam chamadas de destaques, foi por pouco tempo, obedecendo à lógica da instantaneidade e da busca por “novidades” na internet. A quase totalidade das matérias com destaque foi publicada em jornais regionais.

Outro critério qualitativo de observação foi à abordagem¹⁵, que se concentrou na linha editorial priorizada pelos veículos na produção das matérias sobre o fogo. Neste quesito, 95% dos textos não foram além de narrar os fatos. As poucas matérias de denúncia (4%) aconteceram no nível estadual, no portal Correio da Bahia, o qual defende uma linha editorial contrária ao Governo Estadual. Essa explicação política foi uma das apostas dos atores consultados nos debates também para a “timidez” da participação do jornal A Tarde na cobertura, que tem no Governo da Bahia um dos seus principais anunciantes.

Figura 7 - Abordagem



Fonte: Elaboração própria

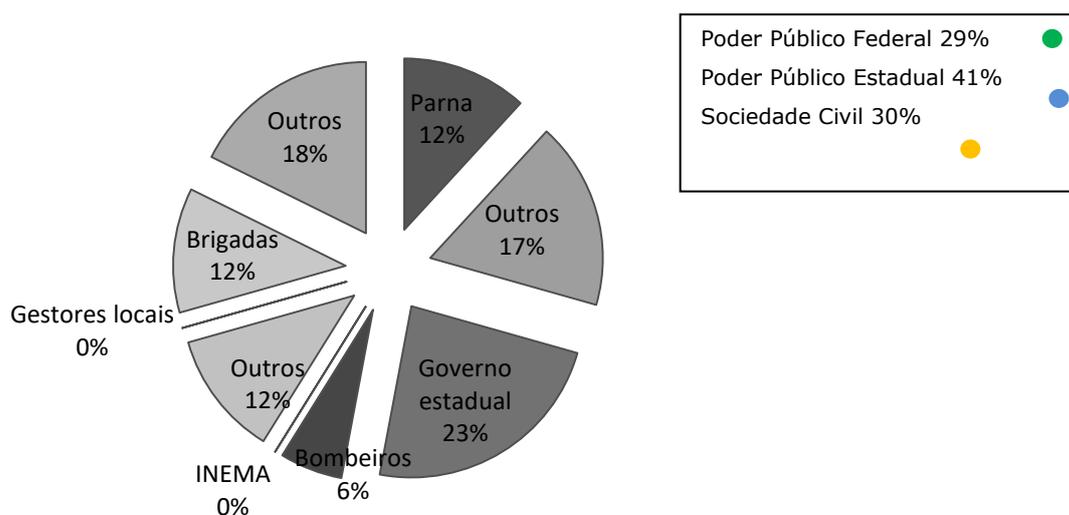
¹⁵ *Factual*: textos “neutros” e objetivos, dirigidos apenas a informar os fatos, no caso, a ocorrência dos incêndios. Publicizaram o problema sem emitir opinião, ou sem tomar partido sobre a causa. *Denúncia*: textos com um tom de indignação, de apuração de responsabilidades e de julgamento de possíveis culpados. *Busca de solução*: Reportagens preocupadas em contextualizar o problema, e em apresentar possíveis avanços, ou alternativas e/ou experiências bem-sucedidas.

A “busca de solução” (1%) foi assinada pelo Guia Chapada, que buscou resignificar o cenário turístico e apresentar alternativas em um momento delicado para o trade regional.

CHAPADA EM DISPUTA: VOZES E DISCURSOS SOBRE O FOGO

Outro critério qualitativo buscou identificar a pluralidade de atores envolvidos no combate e as vozes priorizadas pela mídia. As fontes foram diferenciadas entre Estado¹⁶ em suas esferas federais, estadual e municipal, e Sociedade Civil¹⁷. E a primeira constatação foi de que a expressividade das fontes oficiais externas ao território da Chapada Diamantina como as “vozes legítimas” sobre o fogo na região.

Figura 8 - Fontes



Fonte: Elaboração própria

O Estado “falou” em 70% das matérias produzidas. Mas apesar do volume, pouquíssimas dessas fontes eram atores locais, ou diretamente vinculados a gestão ambiental da área como o INEMA. Ao prevalecerem a voz direta do Secretário de Meio Ambiente e do Governador, a mídia indicou a gravidade do problema, uma estrutura hierárquica rígida, e a pouca capacidade dos jornais em buscar fontes na ponta.

¹⁶ Nesta segmentação, também se buscou destacar a voz de alguns atores específicos, como Corpo de Bombeiros, e órgãos ambientais responsáveis diretos pelas UCs, como o PARNA e o INEMA, para tentar apreender diferenças nos níveis de autonomia destas instituições.

¹⁷ Buscou-se diferenciar as vozes dos brigadistas voluntários, por entender que são atores diferenciados no processo e os quais demandam mais visibilidade política.

Tanto no âmbito federal, quanto estadual, a categoria “outros” apareceu com um quantitativo muito superior ao esperado. Isso obrigou a uma segunda leitura e reclassificação, identificando o aparecimento de um novo ator: o poder judiciário. As Defensorias e Ministérios Públicos emergiram midiaticamente como regulador das contraditórias informações sobre o fogo.

A judicialização das causas ambientais já havia sido apontada por Castells (2001) como a nova fronteira do movimento ecológico. E Brito (2005) chamou a atenção para a atuação de destaque do Ministério Público de Lençóis como protagonista na regulação ambiental da Chapada desde os anos 90. Mas sobre os incêndios, parece que essa intervenção foi uma novidade, sendo o assunto batizado pelos atores de “judicialização do fogo”. Para alguns deles, as iniciativas judiciais estiveram diretamente vinculadas com a ação midiática, como no depoimento a seguir:

“Era muito midiático expedir mandados de segurança e liminares obrigando o Parque a comprar EPI (equipamentos de proteção individual) em 24 horas. Mas a Justiça sabe que temos trâmites burocráticos, licitações, a coisa não funciona assim.”, Marcela de Marins, técnica do ICMBio no Parna-CD.

Outra coisa que também chamou a atenção foi o “silêncio” das autoridades municipais¹⁸ em uma região marcada por práticas coronelistas. A questão foi interpretada como ausência de políticas locais de combate a incêndios por parte de prefeituras muito mais voltadas a ações clientelistas e com pouca priorização aos temas ambientais. Mas também como um indicador da perda de poder e prestígio das elites políticas locais.

Entre a Sociedade Civil, se observou que dos 30% de vozes, 2/3 foram de “outros”, categoria que identifica principalmente depoimentos de moradores e pessoas afetadas. O dado revela a falta da preocupação da mídia em ouvir organizações ambientais e agentes especializados no assunto, como movimentos sociais, pesquisadores e universidades, mas também a falta de um tecido associativo forte na região envolvido na temática.

As brigadas voluntárias representaram a exceção com expressivos 12%, mesmo percentual do Parque Nacional e o dobro dos Bombeiros (6%). O registro das primeiras brigadas na região data do início dos anos 2000 em decorrência de treinamentos realizados pelo antigo IBAMA. Mas sempre tiveram pouco espaço na mídia. A

¹⁸ Prefeituras, secretarias municipais de meio ambiente, vereadores, etc.

explicação para a maior projeção é o aprendizado dos grupos ambientalistas da importância de investir em estratégias de comunicação. As brigadas de Lençóis, do Capão e de Campos São João montaram estruturas mínimas de assessoria de imprensa, baseada no trabalho colaborativo e voluntário. Elas usaram principalmente as redes sociais e a busca pela influência a jornalistas simpatizantes nos grandes centros como estratégia de visibilidade, como mostra o depoimento de Laís Corread, da BRAL:

“Só apareceu na mídia quem soube se articular. Na Bral, a gente criou uma verdadeira agência de notícias, produzindo pautas, usando as redes sociais e fazendo lobby com os jornalistas da capital, do Rio e São Paulo. A matéria da Época, que teve uma qualidade melhor, foi toda produzida pela gente e só saiu porque acionamos amigos que trabalhavam lá...”. Depoimento de Laís Corread, jornalista voluntária da BRAL – Brigada Voluntária de Lençóis.

Todo este trabalho de comunicação por parte das brigadas fez parte de uma verdadeira batalha por visibilidade midiática, na qual estavam envolvidos interesses muito além das vaidades. Os conflitos entre os agentes de combate ao fogo na Chapada Diamantina remontam aos anos 90. E as divergências de interesses, posturas e entendimento entre os agentes públicos, técnicos e brigadas voluntárias sempre foi uma constante em todas as regiões do país. Mas só em 2015 a mídia parece ter atentado para essa confrontação.

Neste cenário, é interessante compreender que as vozes e as falas destacadas pela mídia não foram apenas o resultado da ação coletiva ou mérito da assessoria de imprensa dos atores. Elas fizeram parte de um grande jogo de poder, repleto de contradições, encenado publicamente, na qual a linha editorial dos veículos foi fundamental para marcar a posição dos atores e o tom do discurso. Para exemplificar esta perspectiva, foram selecionadas as manchetes mais notórias do período:

Figura 9 – Principais Manchetes

Data	Manchete	Veículo
13.11	“Chapada em Chamas”	Portal da Chapada
14.11	“Fogo está sob controle, diz Sema.”	A Tarde <i>online</i>
14.11	“Situação dramática, diz chefe do Parque Nacional da Chapada Diamantina.”	G1
16.11	“Brigadistas cobram prevenção contra incêndios na Chapada Diamantina e o fogo segue destruindo a região”.	Portal da Chapada
17.11	“Área incendiada aumenta e governo anuncia plano de prevenção”.	A Tarde <i>online</i>
02.12	“Atrativos turísticos da Chapada Diamantina não foram afetados”	Guia Chapada

	pelos incêndios”.	
13.12	“Governo informa que comprou R\$ 500 mil em equipamentos para uso de brigadistas na Chapada Diamantina”	A Tarde <i>online</i>
14.12	“Justiça determina ações de combate a incêndio na Chapada Diamantina”	Portal Correio da Bahia

O que a análise destas manchetes evidencia é tanto a *mediatização dos conflitos sobre o fogo*, quanto a relevância da opção política dos veículos. Nota-se, por exemplo, que o Jornal A Tarde funcionou como porta-voz do Governo do Estado junto à opinião pública, o que coloca em xeque o mito da imparcialidade dos veículos. O G1 e o Correio, historicamente contrários à gestão petista, optaram por evidenciar vozes oficiais mais críticas. O Guia Chapada se mostrou como promotor do trade turístico, mesmo em uma situação de crise. Já o Portal da Chapada, foi o único a dar notoriedade à voz dos brigadistas locais.

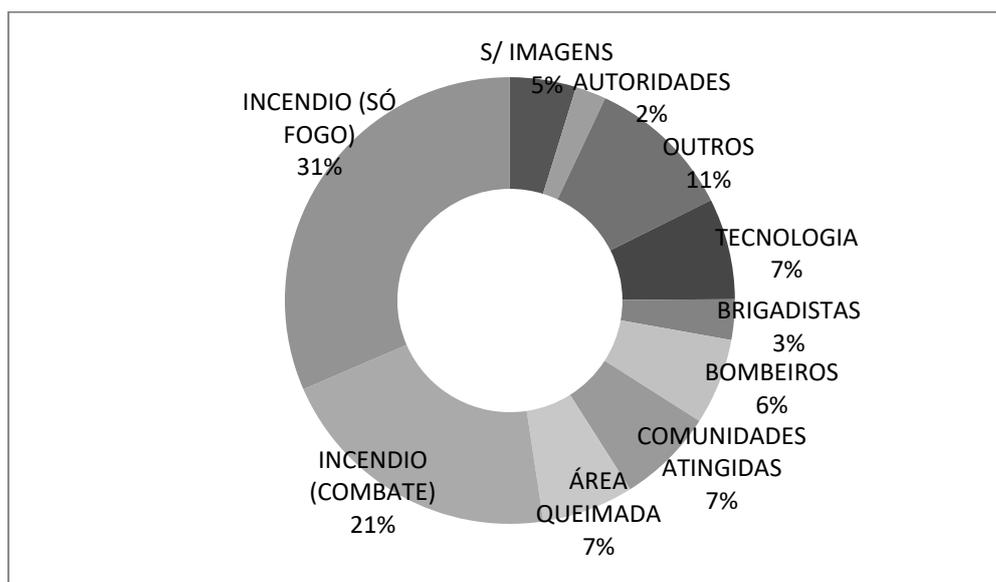
Mas todos os atores ouvidos concordam que esta disputa só piorou um problema que por si já era demasiado complexo. Isso se reflete na fala da gestora do Parque Nacional:

“São muitas as vozes na mídia, muitas as informações, e na maioria, contraditória, porque não temos um coletivo que pense e atue de maneira mais coesa e estratégica na hora do combate. Essa é uma avaliação interna muito séria que está sendo feita internamente ao ICMBio e a qual temos que dar uma resposta efetiva”, reflete Soraya Fernandes, gestora do Parna.

O FOGO EM FOCO: REGISTRO IMAGÉTICO DA TRAGÉDIA

O estudo dedicou a analisar fotografias e infográficos reproduzidos nas matérias para perceber o discurso por trás do recurso imagético. O que se revelou, em palavras da fotógrafa Iêda Marques, é que *“foto de fogo vende, e as imagens do combate aos incêndios está o tempo todo pautado por grandes interesses econômicos”*. Isso fica claro no gráfico abaixo, em que quase todas as matérias foram ilustradas, sendo que 2/3 foram imagens das chamas, do combate e da área queimada.

Figura 10 – Imagens



Fonte: Elaboração própria

Mas o que chamou mesmo a atenção foi a repetição indiscriminada das mesmas fotografias compartilhadas por todos os veículos. Por exemplo, a imagem abaixo sobre as chamas foi usada em 11 reportagens diferentes, evidenciando a “mercantilização do fogo”, a precariedade da cobertura “in loco” e o papel das assessorias como fonte.

Figura 11 – Foto mais reproduzida



Foto: Edmar de Lima de Carvalho/ICMBio

As fotos das comunidades atingidas (7%), tecnologia (7%) foram as outras imagens que chamaram a atenção dos meios. Como representação, as duas fotos mais reproduzidas de cada área:

Figura 12



Foto: Diego Borges/Arquivo pessoal

Figura 13



Foto: Cabo BM Mota/
Ten BM Vanessa/ Ascom Bombeiros

A foto de Diego Borges (figura 12) foi reproduzida 09 vezes, e indica uma das novidades imagéticas da cobertura do fogo 2015, que noticiou a ameaça às populações urbanas a partir de fotos compartilhadas em redes sociais. A foto do Cabo BM Mota e Tenente BM Vanessa (figura 13) foi republicada 06 vezes. Ela é a síntese do poder da assessoria de imprensa, das marcas do tecnicismo oficial que aposta nos equipamentos e destaca os bombeiros como grandes heróis do fogo. Os impactos destas imagens nas dinâmicas do combate são evidentes no depoimento de um brigadista:

“No combate, a gente sente que tá numa guerra. E quem combate o fogo de verdade aqui na Chapada, quem entende das trilhas, dos precipícios é a gente, que é voluntário. Mas a mídia só mostra os bombeiros, todos “limpinho”, cheios de máscaras, pousando de super-heróis. Isso chega lá na ponta e desmotiva os combatentes. Não é por querer aparecer, não. Mas quem entende de comunicação de guerra, sabe do que eu “tou” falando. A mídia comemora a vinda dos bombeiros, do exército, dos helicópteros. Só que a gente sabe que quem segura o negócio mesmo é a gente que abandonou família, trabalho, e num tem equipamento nem segurança nenhuma... Aí fica difícil, dá uma tristeza e muito brigadista desiste e num quer mais nem conta com apagar fogo”. Depoimento de Vandeco, líder da brigada de Campos São João.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa investigou as apostas na comunicação ambiental a partir do estudo do caso da cobertura midiática nos incêndios de 2015 na Chapada Diamantina. A análise de mais de 145 matérias sobre uma tragédia ambiental de grandes proporções em uma zona de conservação da biodiversidade, identificou que a crise ecológica, na periferia do capitalismo, sequer numa situação extrema, é prioridade dos grandes conglomerados midiáticos.

Ao analisar as práticas de jornalismo ambiental sobre o episódio, este estudo evidenciou como as lógicas de produção das notícias da crise climática refletem

contraditórias relações de poder do setor midiático, o qual passa por uma forte reestruturação marcada pela convergência digital. As novas lógicas impostas por essa reconfiguração indica, por um lado, maior possibilidade de inserção e divulgação de tragédias como a da Chapada Diamantina nos meios eletrônicos, principalmente a partir das redes sociais. Por outro, delegam aos cidadãos comuns o papel de protagonista de noticiador do drama, deixando aos veículos hegemônicos a função de reproduzidor de notícias ambientalmente alarmantes.

As categorias de classificação de dados geradas e os debates de pesquisa-ação com os atores estratégicos utilizados como metodologia de pesquisa, apontaram a distância entre os problemas ambientais locais num contexto periférico e a agenda midiática produzida desde os grandes centros urbanos.

A análise quantitativa e qualitativa dos textos e imagens publicados indicou um jornalismo ambiental deficiente, com condições de apuração precarizadas, pouco tempo de cobertura da pauta, pouca atenção por parte das editorias especializadas e apuração rápida que conta com as redes virtuais para cobrir uma área aonde os jornalistas não chegam aos locais da tragédia.

Esta cobertura superficial privilegia as fontes oficiais, alimenta as especulações e conflitos no combate direto, e reproduz visões estereotipadas de um problema cíclico e complexo. Em síntese, este jornalismo ambiental não aponta caminhos na construção de políticas públicas que respondam ao problema do fogo da Chapada Diamantina, nem tampouco corresponde às apostas teóricas da comunicação como vanguarda de uma cultura ecológica necessária ao novo milênio.

É evidente que o único alento remete à ação comunicativa de grupos ambientalistas e a produção de mídia independente e regionalizada que têm conseguido transpor essa barreira e introduzir abordagens mais plurais, e práticas mais criativas de comunicação ambiental. O que a análise da mídia e do fogo na Chapada Diamantina parece indicar é que não se pode enfrentar os dilemas da comunicação ambiental sem passar pelo debate da democratização dos meios.

REFERÊNCIAS

BOAS, Sérgio Vilas. Formação & Informação Ambiental: Jornalismo para iniciados e leigos. Sao Paulo: Summus, 2004

BOLAÑO, César. Jornalismo online: reflexões a partir da economia política da comunicação, 2009.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

_____. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Editora UFPR.

BERNA, Vilmar. 2010. Comunicação ambiental: reflexões e prática em educação ambiental. Paulus Editora. São Paulo.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss B. Gerhardt. SP: Ed. Paz e Terra, 2001.

COLOMBO, Macri Elaine. Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, 2010.

COX, Robert. Environmental communication and the public sphere. Thousands Oaks, California: Sage Publication, 2010.

FANTE, MASSIERER; MORAES, E MOTTER. A trajetória do Jornalismo e dos Jornalistas Ambientais no Brasil: O Núcleo de Ecojornalistas do RS. Anais do 10º Encontro de História da Mídia. Porto Alegre, 2015.

FERNÁNDEZ REYES, Rogelio. Aproximación a la bibliografía de periodismo ambiental iberoamericano. Razón y Palabra. Número 77. Ago-Out 2011. Disponível em: Acesso em: abr. 2015.

GIDDENS, Anthony. A política da mudança climática. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HAGUENAUER e FILHO. Experiências em Educação e Comunicação ambiental. 2014. São Paulo: Editora CRV.

IBAMA/ Prevfogo. Relatório de Ocorrências de Incêndios em Unidades de Conservação Federais 2005 – 2008. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), 2009.

IBAMA/ Prevfogo. Perfil dos Incêndios Florestais Acompanhados pelo Ibama 2009, Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), 2010. Disponível para download em <http://www.ibama.gov.br/phocadownload/category/44-p?download=2306%3A2009>

ICMBio. Histórico dos Incêndios na Vegetação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, entre 1973 e abril de 2010, com base em Imagens Landsat. Brasília: Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (Icmbio), 2010 <http://www.icmbio.gov.br/revistaeletronica/index.php/BioBR/article/viewFile/141/105>

LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. Multidisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Racionalidade ambiental e reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, M. D. V et al. Os dilemas da comunicação ambiental no contexto do desenvolvimento hegemônico. Revista CMC comunicação mídia e consumo. Do ppgcom – espm, ano 11 vol. 11 n. 32 p. 203-221 set./dez. 2014. Disponível em http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/703/pdf_32.

LIMA, M. D. V. et al. A comunicação ambiental como forma de enfrentamento dos dilemas socioambientais. 2o Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA), 2013, Sergipe. Anais... Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, p. 1-13.

LOOSE, Eloisa. Jornalismo ambiental em revista: das estratégias aos sentidos. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

_____. Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul: 21 anos pela qualificação da informação ambiental. Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós Graduação em Comunicação. Vol 1. Nº 2. Ano 2011.

NELSON, Peter. 10 Dicas Práticas para Reportagem sobre o Meio ambiente. WWF Brasil, 1994.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PLOWOOD, Val. *Environmental Culture: The Ecological Crisis of Reason*. New York: Routledge, 2002.

SERRES, Michel. O contrato natural. Portugal: Editora Piaget, 1994.

SCHIRLEY, Luft. Jornalismo, Meio Ambiente e Amazônia: os desmatamentos nos jornais. O Liberal do Pará e Crítica do Amazonas, 1ed.SL: Annablume, 2005.

SORDI, Jaqueline Orgler. Os sentidos do verde nas páginas de Zero Hora. Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2012. Disponível em https://anaisenpja.files.wordpress.com/2014/12/cl_22_jaqueline_sordi.pdf

UNGARETTI, Wladimir Netto. Empresariado e ambientalismo: uma análise de conteúdo da Gazeta mercantil. 1995.

UNGER, Nancy Mangabeira. *Heidegger: “salvar é deixar-ser”*. Em Moura, Grün e Trajber (orgs). Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2007.

UNESCO. Informe mundial sobre ciencias sociales 2013: cambios ambientales globales. Unesco, 2013.

VILLAR, Roberto. Jornalismo ambiental: evolução e perspectiva. Porto Alegre: Agir Azul na Rede, 1997. Disponível em Disponível em: <www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>. Acesso em: 06 jan. 2015.

TRIGUEIRO, André. Mundo Sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005.